

AMAPÁ

Vírus radioativo encontrado em Waiãpi

CIENTISTA DA UNIFAP DESCOBRE VÍRUS QUE ANTES ERA ENCONTRADO APENAS EM OPERADORES DE RAIOS-X

MARCO A. FERREIRA ■ Da Editoria de Cidade

Através de pesquisas, o cientista da Universidade Federal do Amapá, Luiz Kanzaque descobriu o aparecimento de um vírus detectado anteriormente em pessoas que lidam diariamente com radiação. Kanzaque realiza diversas pesquisas na Amazônia, sendo titular de uma cadeira na área de Enfermagem, na Unifap e ficou surpreso com o desenvolvimento do vírus, nos índios, já que só tinha encontrado tal anomalia em operadores de raios-x, entre outros da área de saúde que lidam com radiação. Kanzaque infelizmente não pôde continuar as pesquisas e lamenta que algumas informações passadas anteriormente à imprensa tenham sido deturpadas a partir de sua descoberta.

O Chefe do 16º Distrito do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM/AP), Armindo Pinto, informa que apesar dos índios estarem localizados a montante no rio Amapari (nascente), das minas de Manganês, em Serra do Navio, a área que habitam possui uma das maiores riquezas da Amazônia de minérios como thorianita, molibdênio, zircônio, entre outros que possuem naturalmente radiação, criando um "background" com essas características e que pode muito bem ter atingido a tribo indígena, necessitando que haja uma pesquisa maior sobre o assunto, aproveitando as informações que o professor e pesquisador da Unifap já possui ou investindo na própria pesquisa dele, a fim de ajudar a perpetuação dos índios Waiãpi.



▲ PREOCUPAÇÃO - O cientista ficou surpreso com o desenvolvimento do vírus, nos índios, já que só tinha encontrado tal anomalia em operadores de raios-x

Como vivem os índios Waiãpi no AP

Os Waiãpi falam o Tupi-Guarani, vivendo tanto no lado brasileiro, quanto na Guiana Francesa.

Contam com uma população estimada em 1.390 pessoas, distribuídas em três localidades: 511 na Terra Indígena Waiãpi; 29 no Parque Indígena de Tumucumaque, Pará, e 850 no município indígena de Camopi, rio Oiapoque,

Guiana Francesa.

No Amapá, os Waiãpi ocupam a Terra indígena Waiãpi, homologada em 1996 pelo Decreto 1.775. Com 607.017 hectares, ela se insere entre os municípios de Amapari e Laranjal do Jari.

Trata-se de uma área de floresta tropical densa, com relevo acidentado em sua porção norte e leste, situada entre

as bacias do rio Jari (oeste), Amapari (leste) e Oiapoque (norte). Em 1973, a Funai instalou um posto na área, sendo que conflitos com garimpeiros fizeram com que a tribo ficasse um tanto retraída em torno do posto, retornando o processo de expansão a partir da demarcação de suas terras.

Os Waiãpi foram envolvidos também no caso de uma

possível exploração de ouro ilegal pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI), que por uma liminar voltou a operar no local.

Os índios novamente são alvos de preocupação porque representam um dos últimos povos antigos da floresta Amazônica, precisando de todo o carinho das autoridades constituídas.

Novo vírus é alvo de preocupação

Cientistas a todo momento estão em contato com vírus aparentemente recentes, mas que em muitos casos estão no planeta antes mesmo dos dinossauros, o problema é que a ação antrópica tem feito emergir doenças desconhecidas pelo ser humano, como a aids, ebola, sabiá e hantavírus, este último descoberto no Rio Hanta, Coréia, e que é transmitido pelas fezes do rato campestre.

O hantavírus faz parte de uma nova safra de microorganismos mortais que vem atacando a humanidade a partir da ação do homem, na natureza, provavelmente mexendo com o desconhecido e provocando uma reação que o ser humano não está preparado para se defender.

O ebola, por exemplo, é capaz de destruir o interior do ser humano, transformando-o numa pasta de sangue, em poucas horas. No caso do hantavírus, a transmissão ocorre a partir das fezes do rato silvestre, aparentemente inofensivo, mas que é portador do vírus que, para ele, não faz mal nenhum. Expelido na urina, saliva e fezes do rato, o hantavírus tem o poder de sobreviver fora do hospedeiro natural até por um ano e basta passar uma vassoura num terreno infectado e respirar a poeira levantada para que se corra o risco de inspirar o vírus ao mesmo tempo, que ataca em pouco tempo e apesar de não ser transmitido entre pessoas, pelo menos até o momento não assusta, a partir do momento em que acomete seres humanos bastante



▲ ALERTA - Campos cheio de entulhos atraem ratos, proliferando doenças

saudáveis a um saldo letal. Campos cheio de entulhos, que atraem ratos são chamados para a doença, que pode atingir proporções ainda maiores se alcançarem a chamada ratazana de esgoto, aquela que em geral convive com as pessoas até em suas próprias casas, o chamado Ratus norvegicus, que transmite a leptospirose.

Aí, o problema será muito mais grave, levando em conside-

ração o sério problema de infraestrutura das cidades da Amazônia, em meio ao lixo, poeira durante o verão e muita lama e água até a cintura durante o período chuvoso.

Até agora, nenhuma droga foi inventada que possa dar cabo do hantavírus, os cientistas estão procurando uma resposta para tamanha voracidade do vírus que em 50% dos casos registrados, morrem em cinco dias.